



**A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA PARA O
ENSINO LITERÁRIO A PARTIR DA CANÇÃO TROPICÁLIA
INTERDISCIPLINARITY IN HIGH SCHOOL: A PROPOSAL FOR LITERARY
EDUCATION BASED ON THE TROPICAL SONG**

SOARES, José Manoel Santos¹

RESUMO

Este artigo está inserido na área de concentração dos Estudos Literários e aborda o seguinte tema: “A interdisciplinaridade no Ensino Médio: uma proposta para o ensino literário a partir da canção Tropicália”. Ao estudarmos esta temática buscamos responder à seguinte situação-problema: diante das dificuldades decorrentes do modelo tradicional de ensino literário brasileiro, a análise e interpretação da música “Tropicália”, pode contribuir para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem da Literatura, ao possibilitar o diálogo entre as disciplinas Literatura, Filosofia e História? Diante desse questionamento traçamos como objetivo geral mostrar que a música “Tropicália” pode ser utilizada como recurso didático-pedagógico no estudo de Literatura no Ensino Médio através da prática da interdisciplinaridade. O respaldo teórico se fundamenta nos estudos de AGUIAR (1993), MALARD (1985) e NOGUEIRA (1998). A metodologia se prende a uma pesquisa bibliográfica com base qualitativa. A partir dos resultados obtidos mediante análises e discussões das obras consultadas, concluímos que a música “Tropicália” pode sim contribuir sobremaneira para o ensino da Literatura no Ensino Médio.

Palavras-chave: Tropicália. Literatura. Interdisciplinaridade. Filosofia. História

ABSTRACT

This article is inserted in the area of concentration of Literary Studies and addresses the following theme: “Interdisciplinarity in High School: a proposal for literary education based on the song Tropicália”. When studying this theme, we seek to answer the following problem situation: given the difficulties arising from the traditional model of Brazilian literary teaching, the analysis and interpretation of the song “Tropicália” can contribute to the development of teaching and learning in Literature, by enabling dialogue between the disciplines Literature, Philosophy and History? Faced with this questioning, we outline as a general objective to show that the song “Tropicália” can be used as a didactic-pedagogical resource in the study of Literature in High School

¹ Discente do curso de pós-graduação em **Ensino de Língua Portuguesa** da FACULDADE FASOUZA.

through the practice of interdisciplinarity. The theoretical support is based on the studies of AGUIAR (1993), MALARD (1985) and NOGUEIRA (1998). The methodology is linked to a bibliographic research with a qualitative basis. From the results obtained through analyzes and discussions of the works consulted, we conclude that the song “Tropicália” can contribute greatly to the teaching of Literature in High School.

Keywords: Tropicália. Literature. Interdisciplinarity. Philosophy. History

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva demonstrar que a música “Tropicália” pode ser utilizada no ensino-aprendizagem da Literatura, no Ensino Médio, possibilitando o diálogo interdisciplinar com a Filosofia e a História. Desse modo, esperamos contribuir para uma efetiva inserção da interdisciplinaridade nesse nível de ensino, proporcionando aos alunos uma aprendizagem literária atraente e produtiva.

Nessa perspectiva, o que motivou a realização deste trabalho foi a inquietação sentida diante da ineficácia do modelo tradicional de ensino, cujas influências se fazem perceber nas aulas de Literatura, no Ensino Médio, configurando-se como um entrave para o desenvolvimento do ensino desse componente curricular.

Diante dessa problemática, imbuídos do desejo de alterar o quadro inoperante em que se encontra o ensino dessa disciplina, elaboramos o seguinte questionamento: a canção “Tropicália”, de Caetano Veloso, pode ser utilizada no ensino-aprendizagem da Literatura, no Ensino Médio, possibilitando o diálogo interdisciplinar com a Filosofia e a História?

A busca por respostas para essa indagação agrega relevância a este trabalho, pois traz à baila uma proposta inovadora ao apontar para a canção “Tropicália” como uma expressão artística com potencial para servir de ponte para a prática da interdisciplinaridade no Ensino Básico, especialmente no Ensino Médio. Além disso, este trabalho demonstra relevância ao preconizar um ensino mais livre, o que possibilitará aos discentes a produção de suas próprias inferências, tornando-os mais proficientes na prática da leitura. Desse modo, este trabalho pode ser considerado útil para a sociedade como um todo em virtude do seu comprometimento com o esclarecimento dos cidadãos.

Com relação à metodologia, realizamos uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa com uma abrangente revisão da literatura.

Por fim, ao sistematizarmos o desenvolvimento deste trabalho, optamos por dividi-lo em duas seções: na primeira, abordamos de forma abreviada, o percurso do ensino literário no Brasil e, na segunda, apresentamos o conceito de interdisciplinaridade, na terceira investigamos a correlação entre Literatura (poesia) e música, em nossas considerações finais apontando a atividade interdisciplinar como recurso imprescindível para o ensino da Literatura, Filosofia e História na contemporaneidade.

2 O PERCURSO DO ENSINO LITERÁRIO NO BRASIL

O ensino da literatura brasileira, especialmente no Ensino Médio, não tem cumprido satisfatoriamente com a sua missão de formar bons leitores. Essa inferência é resultante do contato com dados estatísticos oficiais que revelam a existência de uma grande massa de analfabetos funcionais em nosso país, pessoas com dificuldades para a compreensão de textos considerados simples, conseguindo tão somente decodificar palavras ou pequenos enunciados. Assim sendo, precisamos incorporar um conceito de leitura mais abrangente conforme elucida Villardi (1999):

Ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania. (VILLARDI, 1999, p. 4)

A partir dessa perspectiva percebemos o quão importante é o papel da Literatura no currículo do Ensino Médio. Dela depende, em boa medida, o futuro das novas gerações de leitores. Portanto, o cumprimento dessa finalidade poderá corroborar para a transformação da sociedade na qual os discentes encontram-se inseridos, daí resulta a importância do emprego de metodologias ou estratégias de ensino, que efetivamente promovam a formação de cidadãos críticos e aptos a assumirem prontamente seus papéis na sociedade em que vivem.

Assim sendo, realizamos uma pesquisa bibliográfica, buscando encontrar as ramificações mais profundas da problemática que envolve a inquietante insistência do

método tradicional de ensino literário. Para nossa surpresa, constatamos que tudo começou com a chegada dos primeiros padres jesuítas ao Brasil, no século XVI. Esses missionários, imbuídos da missão de catequizar os primitivos habitantes do nosso país, implantaram um sistema de ensino-aprendizagem que dividia a educação em dois seguimentos: no primeiro, mais elementar, ofereciam-se as instruções referentes à leitura, à escrita e ao estudo da matemática, ao passo que no segundo propiciava o aprendizado da religião e das letras.

Foi nesse contexto educacional que ocorreu a introdução do modelo tradicional de ensino literário cujos traços característicos se fazem perceber ainda hoje, mesmo depois de transcorridos vários séculos. Diante do exposto, concluímos que a ênfase dispensada aos processos de retenção e memorização do saber literário esconde suas raízes mais profundas no modelo de ensino importado pelos jesuítas como confirma Malard (1985):

Em 1553, o colégio dos Jesuítas na Bahia iniciou seu curso de letras. O ensino da literatura limitava-se aos clássicos gregos e latinos. Textos de Homero, Ovídio, Virgílio e Cícero eram lidos para supervalorizar a beleza do mundo antigo, as qualidades do estilo literário e do conteúdo moral da velha poesia, decorada e declamada. (MALARD, p. 08, 1985)

Destarte, o traço mais forte do ensino literário nesse primeiro momento da educação brasileira é o que muitos apelidaram de “decoreba”. Sabemos que mediante esse processo mental os alunos apreendem as informações de forma mecânica e desconexa, por conseguinte, submetidos a esse processo de ensino-aprendizagem não desenvolvem suas capacidades cognitivas, de forma satisfatória. Contudo, na perspectiva de quem detém o poder hegemônico, esse padrão educacional pode ser considerado excelente, uma vez que não estimula a expansão do senso crítico do discente, por conseguinte não oferece nenhuma perspectiva de mudança significativa na estrutura da sociedade.

Na segunda metade do século XVIII, os jesuítas foram expulsos da Brasil e a educação no país ficou sob a responsabilidade de outras ordens religiosas e leigas. Ao contrário do que se possa esperar, não verificamos nenhuma mudança significativa na forma como eram ministrados os conteúdos literários, ou seja, a metodologia

continuou essencialmente tradicional, dispensando assim uma importância exacerbada ao estudo dos períodos literários com seus principais autores e obras, características estéticas, em detrimento de uma abordagem mais dinâmica que resultasse em aprimoramento do pensamento lógico dos educandos. Outro aspecto a pontuar é que os conteúdos selecionados continuavam muito distanciados do cotidiano dos alunos. A esse respeito enfatiza Malard (1985):

Esse ensino distanciado da realidade permanecerá sempre como característica da educação brasileira. Inaugurado no início da colonização, mantêm-se com maiores ou menores variações no século XVII, no XVIII – quando os jesuítas são expulsos e os colégios passam a ser administrados por outras ordens religiosas ou leigos -, no século XIX – quando é fundado o colégio Pedro II no Rio de Janeiro (1827), tido como modelo de todo o ensino brasileiro não universitário durante vários anos. (MALARD, p. 09, 1985)

Esse fragmento acrescenta uma informação importante para a educação brasileira que foi a inauguração do colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX. Ao que tudo indica essa nova instituição de ensino passou a ser um centro de excelência para os padrões da época, mesmo permanecendo atrelada à didática inaugurada pelos padres jesuítas.

Na segunda metade do século XIX, com a reforma de Benjamim Constant, a disciplina Literatura Brasileira foi incluída no currículo escolar, porém esse fato também não mudou o processo de ensino-aprendizagem da literatura. Desse modo, Malard (1985) retrata que:

Eram dadas aos estudantes, para a memorização pequenas biografias e listagem das obras dos escritores, às vezes acompanhadas de meia dúzia de linhas escritas. Raramente o professor exigia leituras que não fossem pequenos trechos, constantes de uma antologia adotada como livro didático. Os autores eram “matriculados” como bons alunos em “escolas” literárias. Malard (1985, p. 09).

Essa metodologia obsoleta perdurou até o final da primeira metade do século XX. Porém a partir da segunda metade desse mesmo século verificamos a ocorrência de mudanças importantes no ensino da literatura brasileira, as biografias dos principais autores, as listas de obras clássicas, as críticas prontas e acabadas

servidas pelos professores aos seus alunos, foram paulatinamente substituídas pelas interpretações de poemas, como costumavam fazer os professores franceses. Essa mudança produziu controvérsias, pois existe uma corrente que a considera prejudicial, porque as interpretações passaram a ser muito diversificadas, contudo há quem diga que é da essência da Literatura provocar efeitos dessa natureza, nessa perspectiva a Literatura seria uma forma de expressão artística polissêmica.

Diante do exposto, concluímos que o ensino da literatura não evoluiu muito desde a chegada dos padres jesuítas, pois ao longo da história do ensino da arte literária os alunos nunca dispuseram da liberdade necessária para a elaboração de suas próprias inferências e os livros didáticos com seus resumos continuam sendo a principal fonte de estudo para os educandos, em virtude da notória carência de materiais didáticos. Diante disso, a interdisciplinaridade continua sendo uma bandeira desfraldada por muitos especialistas em educação que defendem a quebra do paradigma tradicional de ensino.

3. O CONCEITO DE INDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade é uma metodologia de ensino-aprendizagem baseada no diálogo entre duas ou mais disciplinas similares que buscam a cooperação e a troca com vistas à produção de um conhecimento unificado, pois hoje mais do que nunca, reafirmamos a importância do diálogo, única condição possível de eliminação das barreiras entre as disciplinas. Disciplinas dialogam quando as pessoas se dispõem a isto [...]. (Fazenda, 2003, p.50)

Na abordagem interdisciplinar as disciplinas não aparecem fragmentadas ou compartimentadas, porque os professores ou especialistas trabalham em busca do alcance de um objetivo comum. Nogueira, (1998, p. 27) esclarece que “a interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa”. Assim, percebemos que a interdisciplinaridade deve ser uma prática resultante de um planejamento.

É importante salientar que a interdisciplinaridade deve ser aplicada na escola em seu sentido mais amplo, ou seja, os professores não devem ter a compreensão equivocada de que o especialista de uma determinada disciplina deve dominar os demais saberes que compõem a grade curricular, por que assim exige os novos tempos. Nada disso, pensar assim é prejudicial para a construção do conhecimento, tudo deve ser feito a partir de um projeto com o envolvimento dos profissionais que ministram disciplinas afins. Os docentes inicialmente dialogam, para que as disciplinas possam fazer o mesmo num segundo momento, desse modo produzindo novos saberes.

4 A CORRELAÇÃO ENTRE LITERATURA (POESIA) E MÚSICA

Agora que identificamos e classificamos a metodologia tradicional como um entrave para a abordagem dos conteúdos programáticos da Literatura no Ensino Médio, convém que apontemos o início da aproximação entre Literatura e música, objetivando avançarmos na proposta de lançarmos proposta de considerarmos a música como ferramenta para a aprendizagem da Literatura.

Assim, na condição de herdeiros da civilização grega, devemos considerar o fato de que na Grécia antiga havia os poetas-cantores denominados *aedos*. Esses artistas perambulavam pelas cidades gregas declamando suas próprias poesias ao som de instrumentos musicais. Além dos *aedos* existiam também os *rapsodos* que a exemplo dos primeiros eram cantadores ambulantes, mas diferenciavam-se por não serem compositores. Homero destacou-se entre os *aedos* com as suas obras *Ilíada* e *Odisséia*.

Assim, as composições poéticas eram declamadas ou cantadas nos mais diferentes recantos da Grécia Antiga numa relação em que a poesia e a música se completavam.

Durante a Idade Média a poesia e a música continuaram unidas. A separação só veio a acontecer com a magnífica invenção da imprensa que viabilizou a divulgação da poesia no suporte livro.

No entanto, a poesia continuou portadora de algumas características consideradas da essência da música como: a harmonia, o ritmo, a melodia, o andamento etc. Por outro lado, a música carregou para a posteridade elementos típicos da poesia, o que explica a facilidade com que alguns artistas desenvolvem o processo de musicalização de poemas, inclusive na contemporaneidade. De acordo com Aguiar (1993):

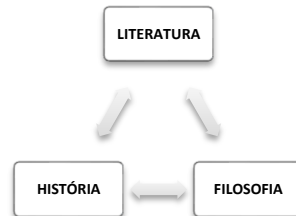
Durante muito tempo a poesia foi destinada a voz e ao ouvido. Seria necessário esperar pela Idade Moderna para que a invenção da imprensa, e com ela o triunfo da escrita, acentua-se a distinção entre música e poesia. A partir do século XVI a lírica foi abandonando o canto para se destinar, cada vez mais, à leitura silenciosa. AGUIAR (p. 10, 1993)

Desse modo, evidenciamos que a correlação entre a Literatura e música existe desde os primórdios da civilização grega. A constatação desse fato é relevante para a consecução deste trabalho, porque pensamos que a Literatura precisa do contributo de outras artes que demonstrem relação de semelhança com ela para que o trabalho interdisciplinar seja facilitado, resultando em êxito.

Partindo dessa premissa, buscamos a uma fundamentação da ideia de que a poesia da canção “Tropicália”, de Caetano, por conta da sua intensa literariedade e relação com o Movimento Modernista, pode ser explorada como recurso didático-pedagógico nas aulas de Literatura, permitindo um intercâmbio com a Filosofia e a História. Nesse sentido, essa canção ao ser analisada e interpretada de forma interdisciplinar pelos alunos e professores da disciplina Literatura, poderá contribuir para minimizar a deficiência desse componente curricular no que tange à sua finalidade de contribuir para a formação das futuras gerações de leitores. De acordo com Matos (2006):

[...] a produção musical pode ser vista como um corpo documental, uma fonte particularmente instigante para a historiografia, já que por muito tempo embalou boêmios, artistas populares e sambistas, entre outros. [...] a música é pouco explorada pela análise histórica e como instrumento com potencial didático. A análise das letras musicais pode ser um interessante momento para um exercício interdisciplinar, ainda mais que a música carrega elementos motivadores com potencial para despertar o interesse por determinado tema ou acontecimento. MATOS (2006, p. 81):

Nessa perspectiva, passemos agora a demonstrar que é possível trabalhar os conteúdos da disciplina Literatura a partir da canção “Tropicália” em conversa com a Filosofia e a História. A interdisciplinaridade pode ser observada de acordo com o



esquema abaixo:

A interdisciplinaridade é uma metodologia de ensino-aprendizagem baseada no diálogo entre duas ou mais disciplinas similares que buscam a cooperação e a troca com vistas à produção de um conhecimento unificado.

Desse modo, as disciplinas não aparecem fragmentadas ou compartimentadas, porque os professores ou especialistas trabalham em busca do alcance de um objetivo comum. Nogueira, (1998, p. 27) esclarece que “a interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa”. Diante do exposto, percebemos que a interdisciplinaridade deve ser uma prática resultante de um planejamento.

Assim sendo, como ponto de partida, os especialistas dessas disciplinas podem e devem se reunir para a elaboração de um Projeto Interdisciplinar. Em comum acordo eles poderão selecionar um tema, “Liberdade”, por exemplo, e definir como objetivo geral o seguinte: levar o aluno a adotar posturas críticas e reflexivas diante das ideologias dominantes na sociedade em que habitam. Apoiados nesse objetivo geral, cada docente participante desse planejamento, poderá elaborar quantos objetivos específicos julgarem necessários para suas respectivas áreas de atuação. Enquanto, colocam em prática essa proposta de ensino, os professores devem, sempre que possível, realizar encontros visando ao trabalho cooperativo.

O professor da disciplina Filosofia poderá solicitar aos seus alunos a leitura do livro “Édipo Rei”, de Sófocles. Essa obra pertence ao gênero tragédia, mas pode suscitar indagações filosóficas interessantes do tipo: “somos seres livres ou

determinados?”. Ao oportunizar esse tipo de reflexão, o professor de Filosofia estará cooperando com a construção do saber literário e histórico. Com o primeiro, porque sabemos que a leitura das obras literárias é fundamental para o desenvolvimento intelectual do aluno leitor, com o segundo na medida em que permitirá ao discente o conhecimento da mentalidade mítica, predominante na Grécia Antiga, mas que ainda exerce influente no modo como homem ocidental encara a vida. De acordo com Arruda (2009):

Tomemos por exemplo a tragédia *Édipo-Rei* de Sófocles. Nela conta-se que Laio, senhor de Tebas, soube pelo oráculo que seu filho recém-nascido haveria de assassiná-lo e casar-se em seguida com a própria mãe. Laio antecipa-se ao destino e manda matar o filho, mas suas ordens não são cumpridas, e a criança cresce em lugar distante. Quando adulto, Édipo consulta o oráculo e, ao tomar conhecimento do destino que lhe fora reservado, foge da casa daqueles que supunha serem seus verdadeiros pais a fim de evitar o cumprimento daquela sina. No caminho desentende-se com um estranho – e o mata. Esse desconhecido era, na verdade, seu pai. Entrando em Tebas, Édipo casa-se com Jocasta, viúva de Laio, ignorando ser ela sua mãe. Assim cumpriu-se o destino. ARRUDA (2009, p. 235)

A partir desse fragmento percebemos uma concepção determinista de homem. De acordo com essa perspectiva, por maior que seja o esforço do ser humano no sentido de agir com liberdade para assim superar o que lhe é imposto pelo contexto, sempre prevalecerão os desígnios divinos. Contudo, existe uma corrente existencialista que afirma ser o homem senhor do seu próprio destino, construtor da sua própria essência. Ao discutirem o tema liberdade, os alunos estarão exercitando o raciocínio lógico, desenvolvendo suas capacidades cognitivas, cooperando dessa forma com a aprendizagem da Literatura.

Quanto ao professor da disciplina História poderá recomendar que seus alunos busquem informações na Internet sobre o tema “A liberdade de expressão no período da Ditadura Militar”.

Os professores de história, ao propiciarem esse tipo estudo estarão interagindo com as disciplinas Filosofia e Literatura. Com a primeira, oferecendo aos alunos condições favoráveis para que se tornem mais críticos e aparelhados intelectualmente para o confronto ideológico, não somente na escola, mas além dos muros que a cercam. Com a segunda, essa interação dar-se-á na medida em que os discentes

ficarão bem mais informados a respeito do contexto em que a música “Tropicália” foi composta, o que contribui sobremaneira para que os mesmos compreendam as metáforas, ironias e demais Figuras de Linguagem possivelmente encontradas nessa canção.

O professor de Literatura poderá propor a análise e interpretação da letra da música “Tropicália”, de Caetano Veloso, que ao lado de Gilberto Gil, liderou o Movimento Tropicalista.

Com essa atividade pedagógica o professor de Literatura estará cooperando com a aprendizagem da Filosofia, pois a filosofia busca o conhecimento dos fenômenos mediante análise e interpretação. Desse modo, o professor de Literatura estará colaborando para que o aluno amplifique sua capacidade analítica e interpretativa da realidade que o cerca, o que o ajudará na prática do filosofar. Quanto à História, também será beneficiada por essa abordagem literária, pois a música é uma forma de expressão que reflete nas obras, informações acerca do contexto histórico em que foram produzidas.

Desse modo, depois que os alunos tenham realizado um estudo prévio da música “Tropicália”, o professor poderá promover um debate no qual pedirá aos mesmos que exponham suas reflexões acerca do tema proposto, relacionando-as com os conhecimentos filosóficos e históricos a respeito da temática “liberdade”.

Essa discussão poderá ser encerrada com as ponderações do professor, que ao ter permitido esse tipo de abordagem estará viabilizando a construção de um novo saber.

Haja vista, que o espaço limitado de um arquivo acadêmico não nos permite uma interpretação mais ampla da letra da canção “Tropicália”, iremos nos ater aos versos que consideramos mais importantes, dessa forma esperamos dar conta do que foi proposto como meta para este trabalho.

TROPICÁLIA

CAETANO VELOSO

Sobre a cabeça os aviões
Sob os meus pés os caminhões

Aponta contra os chapadões
Meu nariz

Eu organizo o movimento
Eu oriento o carnaval
Eu inauguro o monumento
No planalto central do país

Viva a Bossa, sa, sa
Viva a Palhoça, ça, ça, ça, ça
Viva a Bossa, sa, sa
Viva a Palhoça, ça, ça, ça, ça

O monumento
É de papel crepom e prata
Os olhos verdes da mulata
A cabeleira esconde
Atrás da verde mata
O luar do sertão

O monumento não tem porta
A entrada é uma rua antiga
Estreita e torta
E no joelho uma criança
Sorridente, feia e morta
Estende a mão

Viva a mata, ta, ta
Viva a mulata, ta, ta, ta, ta
Viva a mata, ta, ta
Viva a mulata, ta, ta, ta, ta

No pátio interno há uma piscina
Com água azul de Amaralina
Coqueiro, brisa e fala nordestina
E faróis

Na mão direita tem uma roseira
Autenticando eterna primavera
E no jardim os urubus passeiam
A tarde inteira entre os girassóis

Viva Maria, ia, ia
Viva a Bahia, ia, ia, ia, ia
Viva Maria, ia, ia
Viva a Bahia, ia, ia, ia, ia

No pulso esquerdo o bang-bang
Em suas veias corre
Muito pouco sangue
Mas seu coração
Balança um samba de tamborim

Emite acordes dissonantes
Pelos cinco mil alto-falantes
Senhoras e senhores
Ele põe os olhos grandes
Sobre mim

Viva Iracema, ma, ma
Viva Ipanema, ma, ma, ma, ma
Viva Iracema, ma, ma
Viva Ipanema, ma, ma, ma, ma

Domingo é o fino-da-bossa
Segunda-feira está na fossa
Terça-feira vai à roça
Porém

O monumento é bem moderno
Não disse nada do modelo
Do meu terno
Que tudo mais vá pro inferno
Meu bem

Que tudo mais vá pro inferno
Meu bem

Viva a banda, da, da
Carmem Miranda, da, da, da, da
Viva a banda, da, da
Carmem Miranda, da, da, da, da

A primeira estrofe nos remete a uma ideia de progresso ao mencionar as palavras “avião” e “caminhão” e enuncia o foco da canção “Tropicália” por meio da metáfora do nariz que “aponta para os chapadões”, ou seja, para Brasília, o grande centro do poder irradiador das barbáries praticadas pelo Regime Militar.

Na estrofe seguinte, o autor inicia a tecitura seus versos afirmando nas suas entrelinhas que conhece bem a realidade instituída pelos militares ao afirmar: “eu inauguro o monumento / No Planalto Central do País”. O “monumento” é Brasília, uma obra arquitetônica monumental, localizada no Planalto Central do país. Quem inaugura pode falar com propriedade, pois conhece desde as origens.

Depois da construção das duas primeiras estrofes vem o primeiro refrão, no qual encontramos o verso “Viva a Bossa, SA, SA”. Com esse verso Caetano revela simpatia pelo movimento da Bossa Nova que apresentava um viés antropofágico ao incorporar ao seu samba elementos do Jazz e da música erudita internacional. Esse antropofagismo representa uma das características marcantes do Movimento Tropicalista e foi inspirado no Movimento Modernista de 1922. Além disso, percebemos que o compositor parece brincar com as palavras ou sílabas, essa também é uma influência da poesia concretista preconizada pelos artistas da Semana de Artes Moderna de 1922.

Na terceira estrofe destacamos o verso “os olhos verdes da mulata” com o intuito de evidenciar como os tropicalistas concebiam a identidade nacional. Sabemos que uma mulata é o resultado do cruzamento de um homem branco com uma mulher negra, ou vice-versa. Portanto, a identidade do povo brasileiro reside na diversidade, somos diferentes e o bom senso determina que não ignoremos esse fato. Notamos aqui um viés modernista, tanto é assim que esse verso nos remete à obra “Operários” da pintora Tarsila do Amaral na qual a autora retrata a composição étnica do povo brasileiro. Numa estrofe mais para frente ele constrói o verso “Viva Iracema, MA, MA, MA”, a índia, personagem do romance de mesmo nome de José de Alencar.

Na quarta estrofe realçamos os versos “*E no joelho uma criança / Sorridente, feia e morta / Estende a mão*”. Aqui temos uma metáfora interessante, o joelho de que fala o compositor é o Nordeste, uma região marcada pela pobreza, carente da atenção do governo militar naquela época. Essa região possui a forma de um joelho dobrado. O Caetano não podia falar abertamente sobre essas mazelas da sociedade brasileira, por isso lançava mão das metáforas para não ter problema com o regime ditatorial. Aqui também identificamos a influencia de um segmento do Modernismo que caracterizado pelo engajamento social. Estamos nos referindo, por exemplo, a Rachel de Queiroz e sua obra “O Quinze”, a Graciliano Ramos e sua obra “Vidas Secas”. Nessas obras foram denunciadas as situações de extrema pobreza em que viviam muitas famílias nordestinas, ao mesmo tempo em que se destaca o regionalismo. Na canção “Tropicália” Caetano Veloso retoma essas temáticas. Diante do Exposto,

sabemos que as crianças no joelho (no Nordeste) estendem as mãos, porque esse é o gesto típico de quem está necessitando de ajuda.

No segundo refrão, mais uma referência à brutalidade dos militares expressa através do verso “Viva a mata, TA,TA,TA”. Essa sílaba “TA” repetida propositalmente reproduz o som de uma metralhadora, armamento utilizado pelo regime para eliminar aqueles que eram considerados subversivos. É incrível a genialidade de Caetano, num verso tão curto ele consegue reunir vários recursos literários: a antítese (a partir da oposição entre vida e morte), onomatopeia (ao reproduzir o som das metralhadoras), ambiguidade (ao provocar duplo sentido para a palavra “mata”).

Na sexta estrofe ele afirma que “os urubus passeiam entre os girassóis”. Os urubus são os homens ligados ao regime militar e que desfrutam de um padrão de vida confortável enquanto na base da pirâmide social o povo humilde vive abandonados a própria sorte.

Os versos “Senhoras e senhores” / “Ele põe os olhos grandes” / “sobre mim” referem-se à repressão imposta pelos militares, endurecida pelo Ato Institucional nº 5 (AI5), que cerceou no país a liberdade de expressão. Por conta de suas atitudes ousadas, Caetano e Gil foram exilados em Londres, por dois anos. Nessa época era muito comum a presença de um militar delator infiltrado no meio de grupos sociais de oposição ao regime.

Com o verso “Que tudo mais vá pro inferno” o autor produz um intertexto com a canção do Rei da Jovem Guarda, Roberto Carlos. Ocorre que os tropicalistas achavam interessante misturar o som do violão acústico da Bossa nova com o das guitarras elétricas dos artistas da Jovem guarda. Para eles não importava se a música desse último movimento tinha fortes influências dos Beatles, o interessante era não deixar a música brasileira parar no tempo. Esse modo de enxergar as coisas estava de acordo com o Movimento Tropicalista e o seu antropofagismo de influência do Modernista.

Diante de tudo o que foi exposto, ficou evidente que as dificuldades advindas do ensino tradicional são históricas e que a análise da letra da música “Tropicália” pode ser útil para superá-las por intermédio da interdisciplinaridade entre Literatura,

Filosofia e História, rendendo excelentes frutos, tudo dependerá da disposição dos educadores em adotarem atitudes receptivas em relação às novas propostas de ensino.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que o objetivo deste trabalho foi plenamente atingido, pois evidenciou-se que a canção intitulada “Tropicália” pode ser utilizada como recurso didático-pedagógico adequado à prática da interdisciplinaridade no Ensino Médio, especificamente nas aulas de Literatura, viabilizando o diálogo com as disciplinas Filosofia e História.

Diante disso, acreditamos que este trabalho traz uma contribuição importante para o desenvolvimento da pesquisa, porque não encontramos na literatura consultada nenhum registro ou referência acerca da ideia de acessar conhecimentos literários a partir da canção “Tropicália”, de Caetano Veloso, estabelecendo relação com outros saberes similares. Além disso, a análise e interpretação da música “Tropicália” propiciará ao aluno de literatura a compreensão de que somos um povo cuja identidade consiste na diversidade, portanto precisamos aprender a conviver com as diferenças, evitando atitudes preconceituosas, racistas, homofóbicas etc. Assim, as contribuições advindas dessa concepção de ensino são amplas, podendo inclusive contribuir para uma educação mais comprometida com a transformação da sociedade.

Convém pontuar a ocorrência de uma limitação neste trabalho de pesquisa: percebemos uma semelhança entre o raciocínio interdisciplinar e a mentalidade dos filósofos pré-socráticos. O pensar interdisciplinar pressupõe a busca de uma integração entre os diferentes saberes que ao interagirem permitem a construção de um conhecimento unificado. Da mesma forma os filósofos antecessores de Sócrates sustentavam que na multiplicidade do real estava presente a unidade. Ou seja, as coisas existentes no universo são diferentes em relação a forma, tamanho, cor, textura etc., mas do ponto de vista do raciocínio lógico não dá para negar que em conjunto com as outras coisas existentes elas formam o universo, que por definição é único.

Assim sendo, é possível que a interdisciplinaridade tenha as suas raízes mais profundas no modo de raciocinar dos filósofos pré-socráticos, mas isso é assunto para outro projeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Joaquim. **A poesia da canção**. São Paulo: Scipione, 1993.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda, *Filosofando - Introdução a Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2009.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005.

_____. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo: Paulus, 2003.

<http://comosurgiuacancao.blogspot.com/2013/10/quero-que-va-tudo-pro-inferno-de.html>, 05/05/2019

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. *Interdisciplinaridade Aplicada*. São Paulo: Érica, 1998.

MATOS, Maria Izilda Santos. 'Saudosa Maloca' vai à escola. *Nossa História*, v. 3, n. 32, p. 80-2, 2006.

MALARD, **Letícia**. **Ensino e Literatura no 2º Grau. Problemas e Perspectivas**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 75.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Interdisciplinaridade aplicada**. 4ª ed. São Paulo: Érica, 1998.

NOGUEIRA, Maria Alice. "**A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural**". *Revista Brasileira de Educação*, nº 7, p. 42-56, jan./fev./mar./abr., 1998.

QUEIROZ, R. de. **O quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.

RAMOS, G. **Vidas secas**. 48. ed. São Paulo: Record, 1982.

SÓFOCLES. **Rei Édipo**. São Paulo: Odysseus Editora, 2015. 237 p. Introdução, tradução e notas de Flávio Ribeiro de Oliveira.

Site Tropicália, <http://www.tropicalia.com.br>, 05/05/2019

OS MUTANTES. **Tropicália ou Panis et Circencis**. São Paulo: RGE, 1968 (1 disco).

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.